

PALCOS E CIRCOS

O ESCRITURARIO

Será hoje é noite, no grande auditorio da Cultura Artística, a apresentação, pela Escola de Arte Dramática, do mimodrama de Luiz de Lima, "O Escriturario", inspirado num conto de Herman Melville.

A mimica, pelo perfeito dominio que proporciona sobre o corpo, tornando-o um instrumento flexível e docil, é um dos melhores exercicios preparatorios para o ator e por esse titulo foi incluída entre as materias da Escola de Arte Dramática. "O Escriturario" é, portanto, antes de mais nada, um exercicio escolar: são alunos, não profissionais, que o irão representar. Mas a seriedade, diríamos profissional, com que foram realizados os ensaios e o cuidado posto na encenação (tanto a cenografia, de Bódia Vilaló, como a música, de Sousa Castro, são originais) garantem-nos uma execução que por certo não desapontará a intensa expectativa que já se criou á volta do acontecimento.

A mimica moderna, como dissemos antes, não pretende ser uma simples reprodução da realidade, uma intensificação e estilização dos gestos da vida diária. A seu modo, sente-se tão liberta da realidade, tão criadora, quanto a musica, da qual se distingue, todavia, por ser antes concreta do que abstrata e por não se apoiar sobre a melodia musical. A musica, na mimica, não é mais do que uma especie de pulsação que bate o ritmo dos acontecimentos, ficando discretamente em segundo plano. O autor do mimodrama de hoje, em artigo escrito recentemente para este jornal, assim se referia á diferença entre uma e outra arte: "observemos os bailarinos no palco procurando figurar-nos o transporte de um objeto de peso, um piano, por exemplo. Nem um só instante acreditamos na presença deste objeto. Eles se esforçam, dentro das figuras simétricas que a musica lhes impõem, erguem os braços na vertical, descrevem saltos mais curtos, mas não conseguem criar a presença do objeto pelos simples jogo muscular. Os bailarinos continuarão sempre saltando, movendo-se tão ligeiros como plumas ao vento. É esta total ausencia de densidade uma das principais diferenças entre o bailarino e o mimico, pois este resolverá no palco a mesma cena, dando a total sensação do peso do piano e do esforço que é necessario para o transportar".

Sendo uma transposição artistica da realidade, a mimica, como o "ballet", não dispensa, para a sua boa compreensão, um conhecimento previo do assunto, uma idéia do enredo. Em relação a "O Escriturario", eis o que iremos ver esta noite:

"Vive em paz o Notario, cercado pelos seus três auxiliares: Peru, Tesoura e Pé-de-Moleque, mocinho ativo e brincalhão. Quanto a Peru e Tesoura têm ambas os mesmos característicos, em horas diferentes, porém... Quanto se mostra Tesoura irritadiço pela manhã tanto mais amavel é ele á tarde, dando-se justamente o contrario com o seu colega Peru afavel e cordato pela manhã, á tarde sombrio e brigão.

Vão as coisas nesse pé quando, premida por excesso de trabalho, vê-se o Notario obrigado a tomar um quarto escriturario: Bartolomeu, figura esguia e soturna, que se mostra logo ótimo empregado, realizando dia e noite, incansavelmente, imensa soma de trabalho. E tudo corre ás mil maravilhas até que, aos poucos, começa o Notario a descobrir a verdadeira personalidade de Bartolomeu. Recusa-se isto, sem quaisquer explicações, a esta ou áquela tarefa. Indignação dos colegas! Pasma do Notario que vê a sua autoridade irremediavelmente abalada pela recusa continua e inexplicavel de Bartolomeu.

Eis senão quando recebe o Notario a visita de linda viuva, acompanhada logo pela familia enlutada. Vem todos ouvir a leitura do testamento do falecido. Pasma geral: a linda viuvinha é declarada herdeira universal do desaparecido. Ofendida nos seus brios, a familia retira-se com dignidade. Aproveitando-se da ocasião o Notario que, perturbado pelos encantos da jovem cliente, faz-lhe a corte apaixonadamente. Um momento — auxiliado talvez pelos efeitos de varios taças de "champagne" — parece atingir o alvo: o coração da viuvinha... Esta some, porém, como os efluvios do alcool... E o pobre Notario vê-se obrigado a voltar ás agruras do cotidiano, isto é, ao problema "Bartolomeu" que vai, aos poucos, deixando de trabalhar, negando-se também a abandonar o cartorio, onde parece incrustar-se definitivamente. Sua inercia e teimosia são lamenhas que, desorientado, o Notario não encontra outra solução a não ser mudar-se. Muda-se. Bartolomeu fica. E só a policia consegue levá-lo dali para a prisão. Vem o ex-patrão e os ex-colegas visitá-lo. Não são recebidos. Num arroubo de solidariedade humana, o Notario insiste em ver o antigo empregado, encontrando-o de pé e imóvel no meio do patio; dirige-se a ele sem obter uma resposta sequer: toca-o então de leve, muito de leve. E, como uma arvore que morre de pé, Bartolomeu cai: morto. O Notario descobre-se respeitoso..."